

AURORA DA SERRA.

Órgão da Sociedade Literaria. == ANAERO DA SERRA. ==

CRUZ-ALTA, 1 DE NOVEMBRO DE 1884.

Aurora da Serra.

A idéa caminha

Ao encetarmos o 1.º numero desta Revista, estavam longe de pensar, que tão breve teríamos de cantar as glorias do Ceará, do Amazonas, e amanhã com certeza do Rio Grande!

Estávamos longe de pensar, não porque descrenssemos do futuro do Brazil que é mais que mathematico, impõe-lhe o progresso e a civilização a grandeza de seu solo, a sua fertilidade, as immensas riquezas que encerra, as tradições, é o povo que já tem uma historia sua feita a custa de seus esforços e de sua intelligencia.

Era outro nosso modo de raciocinar: A proporção—que um povo avança para a realisação de seu ideal, isto é de sua felicidade no certamen pratico da vida; elle vai modificando suas ideias no cadinho pacifico das lutas da razão: e os triumphos que vai colhendo, são triumphos mais solidos e mais verdadeiros: o que a penna a simples penna firma hoje a espada não pode tirar mais. A epoca da espada já passou-se. Já lá vão longe os tempos em que os grandes rasgos de sentimentos, os impetuos bruscos e apixionados, deixarão de si apenas o sacrificio.

Hoje os tempos são outros, a ordem e a disciplina, contem a phalange do progresso, dentro dos limites da razão. É muito melhor assim. Como os tempos mudão: era uma pequena phalange que sedenta de amor patrio atirava-se no terrível Leão da retrogradação, e cahia fulminada! Hoje é a mesma phalange, transformada, calma, medindo todos seus actos pela necessidade da occasião, aguarda o futuro e a sagrção de sua patria cheia de nobre coragem e altivez—avancando consciante e convicta da victoria.

E' realmente edificante a luz radiante da ra-

zão!

O direito natural é uma das manifestações mais sublimes, ao estado moral e intellectual dos adiantamentos sociaes, vai adquerindo inumeros adeptos; por toda parte alistão-se nesta patriotica cohorte cidadãos respeitaveis e convictos da urgente necessidade de collocar seus serviços em prol dos interesses da patria.

E aquillo que pensavamos estar mais longe está mais perto, a extincção da escravidão em nosso paiz. Faz milagre a elucidação do espirito no mesmo sentido, no terreno da acção, por isso o Brazil opera uma extraordinaria transformação de norte a sul—é o espirito que tendo atravessado a pesadissima elaboração de milhares de seculos transpõe por toda parte os limpidos humbraes da pratica dispendio para a maior parte dos velhos preconceitos e privilegios odientos.

A nossa vez tinha de chegar por força; porque não chegou a mais tempo? Esta resposta deve ser clara e sucinta, porque a historia de um povo por mais novo que seja, não se escreve em uma columna de jornal por mais habilmente que seja; deve occupar um livro, e um livro meditado e escripto por mão adestrada; aqui ha unicamente o esforço; o esforço convicto e consciante da verdade mas mal delineado.

O Brazil descoberto em 1500, epoca em q' acivilização estava bastante adiantada, coube a primazia de senhorio a Portugal, nação aliás uma das mais progressivas, devia ter-lhe dado uma direcção, de conformidade com seu estado moral e intellectual, que era por si só sufficiente, para que o Brazil fosse hoje, um dos paizes mais prosperos e adiantados. Não a contrario—não lhe deo, negou-lhe todas as luzes, introduzindo a escravidão negra cadeia difficil de quebrar; o pupillo com elementos superiores a velha metropole, era necessario ter-lhe sempre fraco pa-

ra poder tirar as vantagens desejáveis. Assim fez, e assim conservou-o por largo espaço de tempo.

A instrução foi sempre uma burla para este povo rudimentar; até que afinal a sua independência da velha metropole, e o estado progressivo de todo mundo civilisado teria necessariamente de bater-lhe os reflexos de suas riantes luzes; far-lhe-hia naturalmente dar signaes bem pronunciados de seu, ainda que tardio, desenvolvimento — devido em grande parte aos seus poderosos elementos.

Assim temos vindo neste estado semi-natural, porque a educação e orientação do povo, vai se fazendo mais a esforço proprio.

O Brazil presentemente já offerece largas messes de um futuro proximo; principalmente se todas as Provincias, forem recebendo como esta de braços abertos egenerosamente a abolição do escravo, como uma das fontes que tem produzido mais misérias na familia brasileira; que tem produzido mais atrazo e retrogradação em todos os ramos da administração publica; ella é afente lethal inoculando veneno corrosivo nas grandes arterias da nação. Corpo estranho em sua vida moral; não pode existir com ella, distancia-se dia por dia a proporção que o cerebro da nação fortalece e expurga-se dos maos principios, que até aqui tem dominado, e absorvido uma grande parte de suas forças e de seu — masculino vigor.

Neste estado todo o esforço é util por mais pequeno que seja, basta que seja serio. Basta que se compenetre que a união faz a força e que o pequeno torna-se grande. Sim — porque as grandes ideias são invencíveis? Porque visão um fim unico, bello em seus effeitos, salutar em sua pratica.

A caridade fez de Christo um martyr, mas um martyr que deixou uma doutrina que muito tem feito pela humanidade.

A liberdade fez de Lincoln um heróe; porque entregou resolute e firme o seu grande e generoso coração em holocausto a ella — a redempção da escravidão dos Estados Unidos, tem uelle immortalisado o seu mais extraordinario brasão! — Fez da França o mais bello exemplo do mundo moderno, porque a liberdade, a igualdade e a fraternidade, tem n'aquelle heroico povo o seu mais solido pedestal!!

E' admiravel, Christo com 12 apostolos, 12 homens transforma o mundo!

Lincoln um humilde trabalhador dá nova direcção a um paiz de muitos milhões de habitantes.

E a França?! Synthetisa a França o grande povo francez, mas se formos entrar no fundo da historia real de seus 'acontecimentos, se formos buscar o pharol que projectou os seus primeiros clarões de liberdade em noite escura, teremos de fazer surgir, um homem, unicamente um homem armado de seu lucido talento e extraordinaria energia — o grande e immortal Voltaire...

Não citamos estas datas, e estes nomes ao acaso, por simples deleite não, — a sociologia da historia nos fornece uma correlação uniforme de todos os seus actos — é uma immensa cadeia cujos elos representam epocas; encarne-se o progresso em homem de maior ou menor autoridade elle a despeito de tudo se faz: frisando a nossa actualidade, vemos elle levantar-se em S. Paulo em humilde liberto — o Gama de saudosa memoria; no Rio de Janeiro em José do Patrocínio; no Ceará nos jagadeiros vultos patrióticos que já pertencem a historia.

Por isso não se desanime a nossa pequena phalange, que marcha impávida para o futuro que a coroa de loiro lhe engrinaldarão a fronte no fim da romagem; não pensemos quem de nos terá a gloria da assistir ao grande dia da victoria, quando se combate não se pensa na morte, ou esteja longe ou perto o dia, tenhamos desde já o entusiasmo da victoria, cada maralha que se escalla, é um immenso triumpho; hontem foi o Ceará e o Amazonas que se abatiam ante o colosso — progresso para surgirem livre da ignominiosa mancha da escravidão, em demanda de um estado mais digno do homem — do homem factor da brilhantissima civilização do seculo XIX! Amanhã seremos nós. O Rio-Grande será o Rio-Grande de todos os tempos.

Cruz-Alta 1 de Novembro de 1884.

João Pereira da Costa.

Expediente

ACTA DA VIGESIMA OITAVA SESSÃO DO CLUB
«AURORA EA SERRA».

Aos vinte e oito dias do mez de Setembro de 1884, na sala das sessões do Club «Aurora da

Serra», presentes os socios Castro, Peixoto, Dr. Joaquim Costa, Martins, Francisco Pereira, Anibal Lopes, Vivanco, Azevedo, João Costa, Josino, Leão, Dezouart, Francisco Martins, Abelardo, Nolasco, Barão de S. Jacob, Verissimo Annes, Bonorino, Lourenço Gomes, João Paulino, Manoel Lopes, Verissimo Lopes, Alfredo Silveira, Henrique Uflacker, José Dias, Eugenio Verissimo, Salomão Kahn, Dario Rostro, Julio Rosa, Clavery e Lima, foi pelo sr. Presidente aberta a sessão. Foi lida e approvada a acta da sessão anterior. Orou o Sr. presidente sobre a memoria do immortal Visconde do Rio Branco, a quem é dedicada esta sessão,

Procedeu-se em seguida a eleição para a nova directoria do club, votarão trinta socios. Forão eleitos os srs. Pedro Nolasco Pereira, presidente com 25 votos, Oliverio Fonseca, vice-presidente com 7 votos, João Pereira da Costa, 1.º secretario com 6 votos, Guilherme Verissimo da Fonseca, 2.º secretario com 11 votos Dr. Joaquim Pereira da Costa 1.º orador com 19 votos, Diniz Dias Filho, 2.º orador com 9 votos, João Chrisostomo de Azevedo thesoureiro com 14 votos.

Pedio a palavra o Dr. Costa, declarando que, por motivos justos pedia para não fazer parte da nova directoria como 1.º orador visto que ja ha dois annos occupava esse logar. O presidente submeteu a votos a pedido do sr. 1.º orador e foi unanimemente recusado seu pedido. A vista de tal resolução da casa declarou o Sr. Dr. Costa sugar-se a vontade de seus consocios.

Pelo presidente foi proposto que na acta de hoje se consignasse um voto de louvor aos fundadores da «Extincta Libertadora Cruz-Altense», e ao cidadão Izidro Correa Pinto, residente em S. Sepé, fosse concedido o diploma de socio benemerito como um dos mais denodados batalhadores d'aquella epocha em prol da abolição. Propondo mais um voto de louvor a banda de musica Cruz-Altense, pelos relevantes serviços que tem prestado a este club, e ao socio Augusto Martins que digna e cavalheiramente tem-se prestado como leiloeiro nos dois bazares que o club tem organizado. Postas em discussão e a votos forão unanimemente acceitas estas indicações.

Por mim secretario foi proposto e unanimemente acceito que se concedesse o diploma de socio honorario ao socio Augusto Martins.

Pelo socio Leão, foi proposto que a todos os

socios que fazem parte da banda de musica Progreso Cruz Altense se concedesse o diploma de socio honorario pela expontaniedade com que sempre se prestarão a abrilhantar nossas festas. Posta em discussão esta indicação foi pela casa unanimemente acceita. O socio Henrique Uflacker pedindo a palavra agradeceu em nome de seus collegas da banda musica! a honra que acabava de lhes ser conferida. Orou em seguida o sr. Barão de S. Jacob, rememberingo o grande dia da patria e a memoria do immortal Visconde do Rio Branco, e congratulando-se com o club pela extinção da escravidão em nossa bella cidade. Foi pela presidente declarado excederem a 400 as liberdades conferidas por intermedio do club, desde 27 de Agosto findo até hoje, e que no municipio restavam 200 e tantos escravos. Que este club contrahio diversos compromissos no valor de 4:070\$900 rs. comprando 21 liberdades, por em que parte desse compromisso estava saldado e que em tempo apresentaria a casa um relatorio destas despesas e a forma porque tem sido contrahidos esses compromissos. Não havendo mais quem pedisse a palavra, foi pelo sr. presidente encerrada a sessão. Do que para constar se lavrou a presente acta que vai por mim subscripta. Eu Luiz Felipe Peixoto, 1.º secretario a subscrevi.

O Presidente

Evaristo Affonso de Castro.

Livro Aureo do Club Aurora da Serra.

NOMES DOS BENEMERITOS CIDADÃOS QUE CONCEDERÃO LIBERDADE A SEUS ESCRAVOS.

Coronel Verissimo Lucas Annes	2
José Verissimo da Fonseca	1
Fernando Bonorino	2
Lucio Annes Dias	1
João Chrisostomo de Azevedo	1
Francisco Cardozo de Carvalho	5
Carlos Uflacker	2
Yicente Pedro de Queiroz	2
João Maria Carpes	4
Augusto Scoroder	2
Capm. Candido Rodrigues	4
Sebastião Cruz (Caxoeira)	1
João Hoffemeister	1
D. Mariana Lucas da Fonseca	5
D. Anna Pereira Lucas Annes	4

Antonio Verissimo da Fonseca	4	Coronel Agostinho Pereirad'Almeida	19
Caetano Pereira da Motta	5	Antonio Joaquim da Roza	2
José Caetano da Motta	2	Capitão Belizario Moreira do Amaral	1
Exm.º Sr. Barão de S. Jacob	3	Capitão Procopio Gomes de Moraes	1
Joaquim Pereira da Motta	3	Frederico Weber	4
João Barboza Cordeiro	1	D. Dina Antonio do Amaral	2
Dr. Ferreira Nartins	1	D. Maria Fausta de Moura	2
Joaquim Verissimo da Fonseca	5	Feliciano Corrêa da Silva	1
D. Maria Melo do Pillar	1	Oliveiro Tellês de Souza	2
D. Maria Francisca de Lima	5	Martim Leonardo	1
D. Alda Brandina de Mello	4	Capitão Jose Annes de Silva	4
D. Joaquina de Oliveira	2	Alferes Antonio Monteiro da Fonseca	1
D. Maria Magdalena Martins	5	Annibal Lopes da Silva	1
Tenente Coronel Manoel Lucas Annes	3	D. Maria do Ceu Fagundes	4
Lourenço Lemes de Moraes Gomes	2	Thomaz de Souza Neves	1
D. Maria Magdalena de Moraes	2	Cornel João Pereira de Almeida (libertos	
Jose J. dos Santos Lima	1	em Porto Alegre)	31
Jose Pereira de Campos	1	Jose J. Pereira de Noronha	2
Antonio Maria Carpes	1	D. Ignacia Joaquina de Oliveira	3
Jose Ferreira Carpes	1	Joaquim Jose Pereira	1
D. Maria Antunes de Moraes	2	Fracisco de Barros Cruz	2
João Bessa da Silveira Bello	1	Toribio Verissimo da Fonseca	1
D. Anna Annes Domingues	5	Guilherme Adolpho Pitham	2
D. Anna Antonia Domingues	1	Senhorinha Naria de Jesus	1
Arminio Domingues e Silva	2	Serafim Jose da Silveira	3
Anizio Domingues e Silva	1	Gregorio Corrêa Pinto	6
Miguel Müller	1	Candido Genro da Silva	3
D. Antonia Joaquina Pereira	1	Joaquim Genro da Silva	5
Aristides Domingues	1	Antonio Francisco de Campos	1
Jacob Theodoro Winckler	4	João Lopes de Oliveira	4
Jacob Dockhorn	2	Luiz Servulo da Silva	1
Francisco Berenhauer	1	Justiniano Pereira Soares	1
D. Maria Thomasia da Silva Prado	3	José Anto da Silva	2
D. Maria das Dores da Silva Prado	1	D. Justina Maria da Silva	3
Manoel Antunes de Camargo Filho	3	Cesario Portes Pimentel	4
Manoel Antunes de Camargo	3	Manoel Maria Dias de Oliveira	3
D. Maria Francisca de Souza	2	D. Rosa Maria de Jesus	1
D. Feliciano Francisca do Nascimento	4	Dr. Salvador Martins França Junior	5
D. Maria Eufrazia Lopes	1	José Carlos de Moraes	10
Estevão Malaquias Paes de Figueiredo	1	Celso Evangelista da Cunha	3
D. Izolina Figueiredo	1	D. Joaquina Lopes Correa	20
D. Malvina Figueiredo	1	Orozimbo Domingos Correa	2
Tenente Cornel Jose Lopes da Silva	6	D. Ubaldina Rita Martins	1
Capitão Jose Antonio Garcez	3	D. Izabel Maria dos Santos	1
D. Antonio Rodrigues Pereira	1	João Baptista Gavião	1
D. Bernardina Annes Dias	1	Innocencio da Silveira Borges	7
D. Maria Fausta de Oliveira	5	Eugenio Verissimo da Fonseca	1
Carlos Frederico Lamert	1	Agostinho Machado dos Santos	2
Candido Jose Dutra	2	Manoel da Silveira Borges	2
Guilherme Dill	1	Silvestre José de Pontes	1
Capitão Jose Candido Filho	2	D. Maria Marciana de Mello Pillar	6
Jose da Silveira Loureiro	1	João Veriato dos Santos	1
João de Deus Esmerio	1	José Verissimo Alves	1
D. Carolina de Albuquerque	1	José Joaquim de Almeida	3
Tenente José Fernandes Paz	1	Joaquim Adolfo Xarão	3
Benedito Mariano de Souza	12	João José Vieira	1
Juvencio Fagundes do Santos	1	José Ribeiro de Sampaio	8
D. Balbina Rosa da Silva	7	Leoncio Antonio da Silveira	3
D. Julia Ufflacker	4	D. Maria Portes da Silva	1

Carlos Castilho	2
João de Oliveira Carpes	2
Anna Annes da Silva	1
Manoel Alves da Silva	7
D. Leopoldina Pereira Carpes	5
Capm. José Gabriel da Silva Lima	6
João Carlos Tatsch	1
João Baptista Fagundes	3
D. Maria Luciana de Moraes	8
João David de Moura Ramos	1
David José de Moura Ramos	2
Jose Ignacio Corrêa	1
Jeremias Ramão de Oliveiaa Ribas	6
Anna Libania de Lara	2
Mathias Bone (Campo Novo)	1
Manoel Polyceno de de Souza («)	1
João Volino	1
Christiano Carlos Rille	2
José Garcia de Oliveira (Povo Novo)	1
Hermenigildo Dutra da Silva («)	1
Maria Leonarda Terra	1
Jeremias Nogueira de Andrade	1
Total	450

Collaboração

A influencia que exercem as associações litterarias na vida dos povos.

Está demonstrado, da maneira a mais evidente, que as sociedades litterarias exercem poderosa influencia na vida dos povos; porque sendo, por assim dizer, centros de luz, dellas dimanam as grandes idéas que, sabendo do terreno theorico para o prático, trazem consigo o melhoramento para a sociedade.

Todo aquelle que observa o que se passa na vida das sociedades, verá que esses grandes acontecimentos, que essas grandes reformas que se tem operado no organismo social, sem que tenha havido grandes abalos, são devidas ás associações litterarias que, no remanso da paz, tratam sempre de melhorar o estado social, estudando prudentemente todos os problemas que pedem solução.

Vem corroborar o que deixamos dito, os choques tremendos que convulsionaram as sociedades na antiguidade, a nadar em rios de sangue. Naquellelles tempos para que uma idéa triumphasse, era preciso ter por apoio, não a razão, mas sim a força, unico elemento que ga-

rantia victoria.

As consequencias que dessas lutas colhemos nos tem sido fataes e, apesar dos grandes esforços empregados pelas gerações que sobrevieram aquellas, ainda não podemos de todo libertarmos-nos das males acasionados por essas lutas, tal tem sido a forma porque elles radicalão-se no espirito social.

A escravidão por exemplo, é uma das consequencias que colhemos desses destroços; e até hoje ainda não está de todo extincta, à despeito dos titanicos esforços que tem sido empregados pelos apostolos da liberdade.

Na antiguidade em vez da lucta da intelligencia, luta que ennobrece, havia a luta material que avilta e deshonra; em vez dos combates da tribuna e da imprensa, haviam os combates sanguinolentos onde quasi nunca triumphava a razão, mas sim a iniquidade que sempre tinha a seu lado a maioria numerica.

Na antiguidade, em vez do espirito popular ser despertado pela palavra escripta ou fallada, era pelo troar da artilharia, em vez da população acudir aos centros litterarios, como acontece hoje, acudia ao campo da batalha, levando na mente o desejo de que o sangue de seus adversarios corresse a jorros; em vez de ouvir calma os choques produzidos pela divergencia das idéas, estudando-as também, para que melhor podesse julgal-os, ella precipitava-se, ora por temor, ora por odio.

Correram os tempos e novas tendencias foram apparecendo. O espirito popular foi desenvolvendo-se dia a dia, tomando direcção sempre diversa; e ninguem poderá negar que esta mudança benéfica tem sido originado pelas lutas litterarias que, de uma maneira admiravel, correm para o desenvolvimento intellectual dos povos, fazendo-os caminhar apressadamente na estrada da civilisação.

E' no dominio das lettras que os espiritos preparam-se, ora pelo estímulo, ora pela tendencia natural para o bello; é ainda no dominio das lettras que a nossa índole se modulla, buscando nas obras dos grandes mestres, as lições e os conselhos que, quasi sempre arraigam em nosso coração os sentimentos puros, sem macula, que só as desillusões da vida podem apagar.

A observação nos tem mostrado a influencia que exercem na vida os primeiros livros que lemos. Se são uteis o resultado de sua leitura o será também, e muito cooperará para a formação de nosso coração; ao contrario, se forem prejudiciaes, sua leitura não fará mais do que

estragar-nos moralmente.

E' crença de muitos, e eu tambem partilho dessa crença, de que o devirtuamento de nossos usos e costumes, está no pouco cuidado de escolher os livros para confiar ás intelligencias infantis.

Abundam, infelizmente, os livros que não primam pela moralidade, nem pelo assumpto de que tratam. São esses livros que, em grande parte, tem dado causa ao estado em que nos achamos; estado que entristece áquelles que o observam e que só veem um remedio para mudal-o: uma reacção completa, começando por banir tudo quanto é futil e prejudicial, habituando ao mesmo tempo a nossa sociedade ás investigações uteis, ao conhecimento completo do que nos cerca; habituando-a á preferir os conhecimentos de real vantagem, as leituras por mêntra distracção, que só trazem o amortecimento lento das faculdades, e o aborrecimento completo, ás leituras aproveitaveis.

Fico aqui por hoje. Desviei-me de meu objectivo, isto é, mostrar a influencia das associações litterarias na vida dos povos; porem o que disse acima tem tambem relação com o assumpto que me preocupa, e por isso continuarei em outros artigos fazendo identicas considerações.

Tres Capões, Outubro 84.

LUCAS DIAS.

Uma pequena historia.

O. D. C aos Salesianos.

São Evangelista Teixeira Junior

(Conclusão.)

Antonia, com as feições alteradas, cheia de asco e de horror disse:

—Senhor padre, minha liberdade tem sido o meu remorso!

—Entretanto obtiveste-a sem trabalhos—interrompeu Modesto com cynismo.

—O dinheiro que recebi, continuou Antonia não foi aceito por meu senhor!

—Tanto melhor para ti—disse o padre.

—Sahindo de casa de meus senhores, errei pela corte dez mezos, repellida por todos! Meu filho roubou-me o dinheiro, depois roubou a outros, depois p'ra roubar matou e a cadeia o tem!—disse Antonia com voz angustiosa.

—Até ahí nada mais natural—disse o reverendo friamente.

—Sahi da corte a pé, de povo em povo, mendigando o pão e o accaso me trouxe a sua casa.

—E aqui comeste á vontade. Ve la como me vaes pagar isso!—respondeu o padre.

—Oh! senhor padre! o remorso me tem allaquebrado as forças e tenho estado quasi a revelar o segredo do meu crime!

—Isso é que não é nada bom—replicou o cura. Precisamos que tudo fique em paz.

—Impossivel!—bradou Antonia. Seria preciso resuscitar os mortos!—acrescentou ella.

—Heim? Como?—tornou o padre assustado.

—Pois bem! Clara e Luiza falleceram, aquella ralada de desgostos, esta depois de dar á luz a filha do padre Modesto!

O padre recuou um passo.

A tia Querina assentou-lhe em cheio na face uma tremenda bofetada.

—Era assim que me enganavas, padre malvado?!—disse a gorda Querina cheia de raiva.

—Mas isto é uma falsidade!—exclamou o padre. Esta mulher veio aqui tecer um romance. Rua d'aqui Antonia! não me temo de tua lingua e d'ahi, perdido por um, perdido por dois!—acrescentou o padre com raiva.

—Pois seja!—proferiu Antonia ameaçadamente.

Ergueu-se e sahiu.

Desde esse dia começaram as murmurações contra o padre Modesto.

Este homem que só inspirava bondade e mansidão viu-se no meio da desconfiança popular, não achando em sua covardia, um meio de fugir á execração publica que pesava sobre sua cabeça.

Antonia publicara aos quatro ventos a chronica do padre.

A tia Querina, enciumada, vivia em continuo pugilato com o compadre.

O padre odiento e desesperado pagou dois homens para livrarem-n'o de Antonia.

D'ahi ha tres dias, ao escurecer, as autoridades policiaes eram chamadas para syndicar de um crime.

Na costa do arroio que corria junto a villa, fora encontrada uma mulher moribunda.

Afluio grande concurrencia de povo.

Antonia estava crivada de punhaladas.

Poude apenas articular uma palavra:—O padre!—e expirou.

O povo indignado correu para a praça, brandando:—Morra o padre!

Em poucos minutos a casa do padre Modesto foi assaltada e a tia Querina presa.

Modesto fugio pelo quintal.

Levava dinheiro e era padre: a fuga foi-lhe facil.

N'um dos arrabaldes de Lisboa erguia-se no centro de mimoso jardim, uma casa de regular aspecto.

Era a casa do Dr. Brito.

Os infelizes successos do Rio de Janeiro levaram-n'o á Portugal.

Acompanhara-o João Pedro que, depois de liquidar seus negocios, dera-se por feliz em ir procurar n'outras terras allivio as magoas que lhe revolucionavam o coração.

Estava velho João Pedro, mas sua velhice era amenisada por uma innocente menina de 10 annos.

Era sua netta, a filha do padre!

O Dr. Brito tornara-se o pae d'aquella creança, creada sem os affagos de uma mãe.

Uma tarde passeavam João Pedro e Luizinha—era este o nome da menina.

Pela rua cruzavam os transeuntes.

Luizinha notara um d'elles.

—Vovô, quem é aquelle homem?—perguntou ella á João Pedro.

João Pedro olhou fixamente o individuo indicado por Luizinha.

—Não! não é possível!—exclamou o velho tremendo de emoção. Mas que semelhança!—acrescentou elle e seguiu o transeunte com o olhar até elle sumir-se no fim da rua.

—Que tem, vovo? Conhece aquelle homem?—interrogou Luizinha.

Talvez!—disse o velho e triste e pensativo foi sentar-se om um banco de pedra.

Luizinha foi ter com elle, sentou-se ao lado e deitou a cabeça nos joelhos do velho.

O Dr. Brito que terminava de visitar os seus doentes, veio encontrar João Pedro e Luizinha.

Luizinha recebeu-a com um abraço.

—Então que ha?—perguntou Brito á João

Pedro, notando-lhe alguma alteração no semblante.

—Ha algum tempo como que os carinhos d'esta menina tinham me feito esquecer o nome de um miseravel; hoje, diz-me o coração, o padre Modesto está em Lisboa!—disse João Pedro

—Brito recuou um passo.

—O padre aqui?—exclamou elle

—Tenho a vista curta—continuou João Pedro—mas era elle, era elle—repetiu o velho.

—Então não ha tempo a perder—tornou Brito. Informou-se do caminho seguido pelo padre e sahio.

No dia seguinte as onze horas da manhã, entrava Brito em casa.

—E' elle!—disse para João Pedro. Veio entregar-se em nossas mãos. E' a justiça que não falla!

N'esse dia Brito levou a escrever para o Brazil.

De facto era o padre.

Fugando de Goyaz, viera para Portugal.

Ja não tinha c'roa na cabeça e um lindo bigode aformoseava-lhe o rosto.

Brito, informado da morada do padre, manteve em redór d'elle uma policia activa feita por alguns amigos, um dos quaes fez se tão intimo do padre que morava com elle.

Por isso poude Brito ficar senhor dos papeis do padre.

Passaram-se dous mezes e Brito recebeu do Brazil o que queria, isto é, papeis que deviam ser entregues as autoridades portuguezas, papeis que não só provavam ser Modesto o padre de Goyaz, como tambem o mandante do assassinato de Antonia.

Brito foi incontinentemente procurar as authoridades e prestou-se acompanhá-os na captura do padre.

Eram nove horas da manhã de um dia de rosas.

O padre dormia a bom dormir.

Quando accorreu estava preso nos valentes braços de um soldado.

—Que é isto? que me querem?—exclamou elle tendo os olhos injectados de sangue.

—Queremos o padre Modesto!—disse Brito adiantando-se.

—Esta voz!! Quem me falla?—tornou o padre.

—Quem te falla sou eu. Olla-me bera, padre! O Dr. Brito aqui está, vem buscar-te; o

lugar do algoz de Luiza e do assassino de Antonia é a cadeia.

O padre fez um ultimo esforço ; seus olhos pareciam querer despejar sangue, abriu a boca como para fallar e... desatou a rir !...

Estava louco !

O Dr. Brito retirou-se. Modesto foi conduzido em um carro para a cadeia.

Cazualmente tinha de passar pela casa de Brito.

João Pedro, Brito e Luizinha estavam ao portão do jardim.

Quando passou o carro o padre fez ver seu rosto descomposto atravez das grades da portinhola do carro.

Brito abaixou a cabeça.

João Pedro virou o rosto.

Só Luizinha chorou.

—Que tens filha?—perguntou Brito.

—Tenho pena d'aquelle louco, papae!—disse a menina.

FIM.

Chronica

Amaveis leitoras e leitores

Derijo-vos os meus mais ternos cumprimentos. *Can-* o nosso digno e impagavel chronista, não pode vir occupar vossa preciosa attenção, com seu elegante estylo e mimoso phraseado. Dando parte ao presidente do Club, que desta vez não podia vir a vossa agradável presença, por estar adquirindo provalvemente, novas forças para futuros combates, preciso foi, dar-lhe substitucto. O Presidente do Club, como sabeis, despota como é, escolheu-me para chronista substitucto : embora lhe ponderasse que eu não estava nos cazos de occupar o lugar que me designava, por não ter as habilitações precisas, a presentei-lhe os mais logicos argumentos, suppliquei-lhe enfim e o ingracto, a na da attendeu ; ordenando-me terminantemente, a vir occupar este lugar, quer dizer, sem mais preambulos, expor-me ao rediculo perante os amaveis leitores da Aurora da Serra. Mas eu juro—vingar-me daquelle despota, desde hoje o tomo debaixo de minha *protecção*

O mez findo só foi notavel—e altamente notavel, para a nossa modesta sociedade, quanto na vida profana, facto algum noctavel chegou ao nosso conhecimento ; porem nossa modesta sociedade obteve o que jamais pensou em conseguir.

Na sessão de 30 do passado, foi pelo sr. 1.º Orador Dr. Costa, proposto ao Club, em nome do Benemerito cidadão o sr. Dr. Salvador Martins França Junior, se a caza aceitava uma quantia que o illustre Dr. nos propõe entregar para ser empregada, na construcção de um predio para o Club, compromettendo-se este a esta belecer uma aula que será custeada a as expensas da sociedade. O Club, acceitou com enthusiasmo e contentamento tão valioso donactivo, sendo aclamado nessa sessão socio Benemerito e Bemfeitor o illustre doutor.

Actos taes elevão bem alto a magnamidade de quem os pratica.

As festas das Kermesses—ficarão transferidas para os dias 24 e 25 de Dezembro. Organizarão-se 2 commissões de Exm.ªs Sr.ªs que acceitarão o encargo de levar a effeito tão brilhante festa, a qual promette estar explendida, não só pelo brilho, como pelo fim humanitaria a que se destina seu producto.

São dignas de elogios as Exm.ªs Sr.ªs que desta forma contribuem para uma cauza justa e santa —a liberdade do escravo.

Nosso modesto theatrinho tem-se conservado na indolencia. Há dois mezes que não há representação alguma. Consta-me porem, que alguns socio do club pretendem levar a scena no dia 2 de Dezembro o drama «Gonzaga ou a Revolução de Minas». A escolha foi boa e informão-nos que a distribuição dos papeis é optima, portanto o desempenho deve ser explendido.

De toda a parte nos chegão noticias de liberdades, não ha duvida, a terra dos heroes de 35, não desmente a suas gloriosas tradições.

O anno de 85 não encontrará mais escravos na terra do Rio Grande, todos serão livres.

Cruz Alta 1.º de Novembro 84.

NERIO.